

# QUIXOTES DA LITERATURA DE HOJE

*«D. Quixote expiou já o erro de acreditar que a cavalaria errante podia adaptar-se a tôdas as formas da sociedade»*

O drama do Quichote é, ao mesmo tempo, real e irreal. Encarado de dentro, da posição do sujeito que o sofre, apresenta-se como um drama. Visto de fora, aos olhos prosaicos de Sancho Pança, assume aspectos de farça.

Quichote e Pança poderão discutir eternamente se os moínhos de vento serão gigantes ou simples moínhos de vento. Por mais esforços que empreguem, nenhum logrará convencer o outro da realidade ou irrealidade do drama. O primeiro está dentro da sua personalidade, obedecendo ao condicionalismo histórico que a determina, quando quebra lanças pela defesa do seu pendão contra a arremetida de gigantes criados pela sua necessidade de heroísmo. O segundo não está menos dentro do seu papel histórico, quando sorri com desdém das fantasias do outro e se recusa a ver nelas motivos da tragédia que lhe apontam.

Não é que vejamos na base da distinção entre os dois um critério estritamente biológico. Ambos são filhos das condições sociais da sua época, em que a uma classe decadente se opõe outra, que aparece na cena histórica, e com ela, uma visão realista das coisas. Com D. Quichote debatem-se a aristocracia e as suas ideologias medievais agonisantes, numa agonia povoada de pesadelos e de figurações fantásticas. Sancho Pança traduz o «élan» da jovem burguesia ascendente, a sua capacidade de realização, de representação prática do mundo.

Para Pança, seria atraiçoar-se, entrar a marcha da história, passar a viver em função dos problemas e das concepções que Cervantes simbolizou genialmente nos gigantes do Quichote.

Mas êste é apenas capaz de viver a tragédia esmagadora que lhe é imposta pela própria ideologia que o domina, o mundo irreal que o dilacera realmente e o solicita. Aceitar os moínhos de vento como moínhos de vento é um sacrificio que excede as suas fôrças. E isso que, do ponto de vista da evolução humana, seria o supremo heroísmo, aparece aos seus olhos, que só encaram as coisas através dum prisma de classe decadente, como a suprema traição.

O principal valor da criação literária de Cervantes é que ela soube evidenciar o que de profundo e essencial existe nas formas por que aparecia perante o escritor a sociedade do seu tempo, com a figuração típica de dois mundos que se opunham e que se debatiam. E por tal forma que os dois tipos irreductíveis do Quichote e do Pança, desligados daquilo que de particular e acidental o seu autor neles pôs, se projectaram e continuarão projectando em épocas históricas de crise como é, por exemplo, a nossa.

No fundo de tôda a polémica travada em tórno do subjectivismo e do seu oposto — o novo realismo —, para além de tôdas as compreensões e incompreensões, está ainda o drama do Quichote, revestindo formas contemporâneas. Problemas reais do Quichote (e irreais para Pança) são aqueles em tórno de que se move essencialmente a literatura de Dostoiewsky, Wilde, Proust, Huxley, Lawrence, assim como as «filosofias» de Heideger, Bergson, Kirkegaard ou Spengler.

Bem podem os novos Sanchos chamar-lhes a atenção para os moínhos de vento das realidades de hoje. Bem